

"Meu útero se rompeu e minha filha estava vivendo fora dele", conta mãe

A autora infantil britânica Natalie Reeves, 38 anos, conta como descobriu que sua filha caçula estava fora do útero no momento do parto: "Ela saiu assim que fizeram o primeiro corte. Percebi como tive sorte"

3 min de leitura

SABRINA ONGARATTO, DO HOME OFFICE

26 AGO 2020 - 17H25 ATUALIZADO EM 27 AGO 2020 - 15H24



Natalie com a Ellie, ainda bebê (Foto: Reprodução/The Sun)

Quando a britânica Natalie Reeves, 38 anos, engravidou do seu segundo filho, foi uma mistura de sentimentos. Afinal, a experiência do primeiro parto, apenas 10 meses antes, foi acompanhada de medo e ansiedade. Em entrevista ao *The Sun*, ela relembrou o momento. No dia previsto para a cesárea, o primogênito, Nathaniel, havia parado de chutar e os batimentos cardíacos estavam alterados. Então, ela foi enviada para um hospital com atendimento especializado, pois os médicos temiam que ele pudesse ter um defeito cardíaco e precisasse de uma cirurgia de emergência. Lá, Natalie, que é de Merseyside, no Noroeste da Inglaterra, foi informada de que o coração havia se acalmado e que eles tentariam o parto no dia seguinte. “Meu marido não teve permissão para ficar, e eu passei a noite acordada e sozinha, com medo de que cada momento fosse o último que meu filho passaria vivo. Eu me perguntei como eu sobreviveria se o pior acontecesse e considerei maneiras de acabar com tudo, para evitar isso”, lembra.

+ Em caso raro, grávida tem dois úteros com um bebê em cada

No dia seguinte, Natalie passou pela cesárea. “Havia sorrisos estranhos por toda parte, enquanto cortavam, puxavam e cutucavam. Senti um vazio, mas não chorei. Foi o minuto mais longo da minha vida, mas meu filho era perfeito”, diz. Felizmente, depois de alguns dias no hospital, Natalie e seu marido, Colin, conseguiram levar o filho para casa. No entanto, a experiência traumatizante a deixou sofrendo de depressão e ansiedade pós-parto.



Natalie grávida do primogênito (Foto: Reprodução/The Sun)

Portanto, quando a autora infantil engravidou de sua segunda filha, Ellie Rose, ela foi muito mais cautelosa. Tanto que, quando sentiu uma "dor intensa e aguda" na virilha, ela ligou imediatamente para as parteiras. Ela acreditava que fosse um sinal de trabalho de parto, mas as parteiras não conseguiram encontrar nada de errado. “Eu senti algo estranho por meses, como se minha barriga não pudesse suportar o peso dela e eu, ocasionalmente, tive que segurar minha barriga para sustentá-la. Foi uma dor intensa e aguda que trouxe lágrimas aos meus olhos e pressionou dentro do meu corpo, mas as parteiras não conseguiram detectar nada fora do normal. No dia da minha cesariana — eu fiz essa opção novamente com base na minha primeira experiência de parto —, eles demoraram uma hora a mais enquanto deliberavam, e novamente meu marido parecia ansioso com o passar do tempo”, conta.

Natalie foi costurada e enviada para a recuperação. Nesse momento, ela não tinha ideia de quão perto da morte ela e sua filha estiveram. “O médico veio me ver e disse que eu sou uma senhora de muita sorte. Meu útero se rompeu completamente. Minha filha estava vivendo fora do útero por sabe-se lá quanto tempo. Ela saiu assim que fizeram o primeiro corte. Disseram-me

que deve ter acontecido aos poucos. Quando pesquisei, mais tarde, percebi a sorte que tive em evitar a tragédia e me senti incrivelmente sortuda. Meu corpo demorou muito para se recuperar. Meus músculos foram gravemente danificados", conta. Sua saúde mental também piorou e ela sofreu de ansiedade durante anos. Natalie decidiu não ter mais filhos. "Fiquei triste por não poder aproveitar meus filhos da maneira pura que esperava no início dessa jornada. Não vou desafiar o destino uma terceira vez", finalizou.



Natalie com o marido e os filhos no ano passado (Foto: Reprodução/The Sun)

PALAVRA DE ESPECIALISTA

Segundo a obstetra Adriana Bittencourt Campaner, membro do Departamento de Ginecologia e Obstetrícia da Sociedade de Pediatria de São Paulo (SPSP), essa ruptura uterina não acontece espontaneamente. "Geralmente, ela tem como antecedente uma paciente com uma cesárea anterior ou alguma outra cirurgia no útero, como retirada de mioma ou uma cirurgia reparadora. Nesse caso, a parede do útero fica mais frágil e,

quando ela entra em trabalho de parto, existe essa possibilidade de acabar rompendo. Se a ruptura for pequena, costuma sair um pouco de líquido e, em muitos casos, é até possível levar a gravidez adiante. No entanto, é comum que a mãe sinta dor. Mas, por outro lado, se for grande, quando o bebê cai na barriga, ele pode, pelo cordão, tracionar a placenta e ela acabar descolando, levando o bebê a óbito", explica.

"Por isso, é difícil que aconteça de o bebê ficar solto na barriga por um período muito grande. Em relação à mãe, ela possui vários vasos sanguíneos no útero e existe o risco de ela começar a ter hemorragia, isto é, sangramento interno. Portanto, esse quadro de ruptura, geralmente acontece já no hospital, existem alguns sinais e, de imediato, a paciente é levada para o bloco cirúrgico. Nunca ouvi falar de um caso de ruptura grande por longo período, mas, se aconteceu, realmente, é um verdadeiro milagre", finaliza.